

Uma experiência educativa com o trabalho de mediação em artes visuais: primeiras considerações

Uma experiencia educativa con el trabajo de mediación en las artes visuales: consideraciones iniciales

An educational experience with the mediation work in the visual arts: initial considerations

Ana Emidia Sousa Rocha

filhadeishtar@hotmail.com

Grupo MITA/CNPq/UNIVASF

Tipo de artigo: Original

RESUMO

O texto pretende compartilhar a experiência no trabalho como mediadora em uma exposição realizada entre janeiro e março de 2013 na Galeria Ana das Carrancas, em Petrolina, Brasil. Apesar de atender o público em geral, o trabalho pretendeu criar e desenvolver atividades educativas com crianças em idade escolar, que corresponde à maior parte dos espectadores da exposição. Este trabalho consiste em um relato de experiência à qual cheguei a partir dos estudos sobre arte/educação em espaços não-formais. Inicialmente faço uma reflexão teórica sobre o tema. Posteriormente, relato a experiência como mediadora na exposição, de forma reflexiva. Para tal utilizo-me dos trabalhos de Barbosa (2005; 2009), Leite (2004), Nóbrega (2012), Iavelberg (2003) e Pillar (2008). Além de haver recebido visitantes espontâneos, a exposição recebeu diversos grupos de crianças e adolescentes que participaram das atividades educativas. As atividades foram realizadas em consonância com a faixa etária de cada grupo: jogos, desenho, bate-papo etc, além da leitura imagética.

Palavras-chave: Arte/educação; Mediação educativa; Educação em espaços não-formais.

RESUMEN

El texto tiene como objetivo compartir la experiencia en el trabajo como mediador en una exposición celebrada entre enero y marzo de 2013 en Galeria Ana das Carrancas, em Petrolina, Brasil. Aunque respondiendo al público en general, la labor encaminada a crear y desarrollar actividades educativas con los niños de edad escolar, que corresponde a la mayoría de los espectadores de la exposición. Este trabajo consiste en una cuenta de relato de experiencia desde estudios de arte y educación en espacios no formales. Inicialmente hago una reflexión teórica sobre el tema. Relato posteriormente la experiencia como mediadora

en la exposición de forma reflexiva. Para ello utilizo las obras de Barbosa (2005; 2009), Leite (2004), Nóbrega (2012), Iavelberg (2003) y Pillar (2008). Además de haber recibido visitantes espontáneos, la exposición ha recibido varios grupos de niños y adolescentes que participaron en las actividades educativas. Las actividades se llevaron a cabo en consonancia con la edad de cada grupo: juegos, dibujar, chatear etc, además de leer las imágenes.

Palabras-clave: Arte y educación; Mediación educativa; Educación em espacios no formales.

ABSTRACT

The text aims to share the experience on the job as a mediator in an exhibition held between January and March 2013 at Ana das Carrancas Gallery, Petrolina, Brazil. Although answering to the general public, the work intended to create and develop educational activities with children of school age, which corresponds to most of the viewers of the show. This work consists of an account of experience to which I got from art studies education in non-formal spaces. Initially do a theoretical reflection on the topic. Subsequently report the experience as a mediator in the exhibition of reflective form. For this I use the works of Barbosa (2005; 2009), Leite (2004), Nóbrega (2012), Iavelberg (2003) e Pillar (2008). In addition to having received spontaneous visitors, the exhibition has received various groups of children and adolescents who participated in educational activities. The activities were carried out in line with the age range of each group: games, drawing, chat etc, besides reading imagery.

Keywords: Arte/education; Educational mediation; Education in non-formal spaces.

INTRODUÇÃO

O interesse por educação em espaços não-formais surgiu para mim no início do curso de Licenciatura em Artes Visuais. Isso porque, a experiência como professora em escolas públicas e privadas, desde 1998, fez com que adquirisse algum conhecimento sobre educação escolar. No entanto, gostaria de saber como acontece o ensino e a aprendizagem em instituições de ensino não-formal.

A partir de estudos no Grupo de Estudos Arte na Educação Infantil, o foco do meu interesse pendeu para a mediação em espaços expositivos. Também passei a dar mais atenção à ação dos mediadores nas exposições que visitava.

Em 2013 tive a oportunidade de integrar a *equipe* de mediadores de três exposições artísticas e uma exposição histórica, que me proporcionou a experiência prática que contribuiu para meus estudos com algumas respostas e inúmeras dúvidas e inquietações. Essas atividades têm contribuído para minha formação docente e me levado à reflexão sobre como a educação em instituições culturais são consideradas diante da arte/educação.

APORTE TEÓRICO

1. O que vem a ser a mediação

Uma das atribuições dadas à Arte é a de provocar, instigar e estimular os sentidos, deixando-os receptivos a outras formas de organização e apresentação do mundo (Canton, 2009, p. 12) durante a experiência estética. Essa interação oferece a oportunidade de construção de significados pelo espectador, que é o principal nessa relação (Leite, 2004, p. 30).

Nessa atividade cada pessoa parte do seu lugar, seus conhecimentos, seus referenciais e seu repertório de significações para entender a imagem que lhe é apresentada. O papel da mediação é, então, auxiliar nessa interação, instigando à construção de sentido diante da obra de arte.

Olhando a definição para mediação no dicionário encontrei: “1- Intercessão, intervenção”¹. Mediar seria, então, fazer intervenções para que a obra de arte e o espectador se aproximem e interajam. Diversos pesquisadores têm discutido sobre o tema: o que é, como acontece, para que serve a mediação.

Estudiosa do tema, Martins (2003, p. 56) concebe a mediação em espaços expositivos como um processo rizomático:

[...] num sistema de relações fecundas e complexas que se irradiam entre o objeto de conhecimento, o aprendiz, o professor/monitor/mediador, a cultura, a história, o artista, os modos de divulgação, as especificidades dos códigos, materialidades e suportes de cada linguagem artística.

Ou seja, não existe centralidade, é um processo em que várias questões se entrelaçam e cada uma pode ser a inicial, puxando outras.

Em trabalho sobre o tema, Nóbrega (2012) averigua como a mediação se dá e encontra dois tipos: a mediação explícita e a mediação implícita, que são definidas da seguinte maneira:

A mediação explícita é aquela em que há intencionalidade de subsidiar o sujeito na recepção da obra [...] na qual o trabalho de mediação é realizado por arte-educadores que desenvolvem metodologias para introduzir o público no universo da obra e para aplicar atividades após a experiência estética.

[...]

Na mediação implícita, os elementos de mediação se encontram camuflados, pois a intencionalidade de intermediar o acesso a obra não é direta. Entretanto, esses elementos também são constituintes e influenciadores da experiência estética (Nóbrega, p. 3-4).

Como elementos da mediação implícita, podem ser citados a subjetividade de cada indivíduo e o contexto onde

1 Melhoramentos: minidicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1997.

ocorre a atividade. Vale ressaltar que a mediação explícita pode utilizar-se da oralidade ou da ludicidade como meio.

A ação educativa da mediação visa ampliar a sensibilidade estética, ou seja, ali acontece parte do processo e não todo ele. O público de uma exposição de arte tem uma experiência estética anterior que acontece num contexto cultural específico: no cotidiano doméstico, na escola ou outros.

Como ação educativa, as atividades de mediação são planejadas para possibilitar uma experiência de aprendizagem no espaço expositivo, relacionando os objetos, o espaço, a temática. O que pode ser feito com um conjunto de ações que englobam atividades de fruição, de contextualização e de produção. Esse planejamento é específico para tal contexto, afinal, os espaços expositivos não são salas de aula e nem oficinas de arte, eles têm uma dinâmica própria: são os lugares onde se vê e se pensa sobre arte (Ott, 2005, p. 114). O contato com as obras de arte e a experimentação oferecida pela mediação visa ampliar o universo estético e o conhecimento do público.

Leite (2004, p. 30) afirma que “a escuta deveria ser a base para a mediação”. Apesar de dar as informações necessárias e solicitadas, o mediador não tem todas as respostas, pois parte importante do conhecimento sobre cada trabalho exibido está na interação que o público estabelece com a obra. Por isso é importante escutar. O mediador não é um explicador, a ele cabe melhor o papel de emancipador (Rancière, 2002, p. 18; 108-14).

Aprender a olhar de maneira diferente ajuda a ver a obra de arte e a obter conhecimento. Ensinar não é dar informações sobre as obras é, sim, ajudar a encontrá-las. Para aprender é preciso ser agente, ser ator ao invés de ser receptor.

2. Arte/educação em espaços de educação não-formal

A partir da década de 1980 o ensino de arte passou a considerar outros aspectos da arte além da expressão, a arte passou a ser considerada como cultura e conhecimento, de acordo com as investigações de Barbosa (2005, p. 12-

3). O ensino de arte contemporâneo formal e não-formal baseia-se neste pressuposto.

Ser arte/educador implica ter uma clara intenção educativa que esteja presente nas ações de quem educa para que o processo ensino/aprendizagem tenha sentido.

Ler obras de arte é parte fundamental da experiência estética. Para operacionalizá-la a criança (ou o adulto) sentirá a necessidade de buscar informações registradas mentalmente a partir de sua experiência doméstica, escolar e outras desenvolvidas nos diversos espaços culturais em que interage.

O exercício do olhar é fundamental para que se chegue a ver, uma rápida olhada não conduz à compreensão porque não permite a leitura. Além disso, a arte contemporânea suscita desafios e dúvidas do observador (Frange, 2008, p. 36), demandando tempo para ser experienciada devidamente e produzir conhecimento.

Para compreender a imagem é necessário “ver construtivamente a articulação de seus elementos, suas tonalidades, suas linhas e volumes” (Rizzi, 2008, p. 81). Não se trata de adivinhar o que o artista quis dizer, mas de compreender aqueles elementos presentes na obra e sua relação com a cultura, com a vida, enfim, é preciso contextualizá-la.

Geralmente as escolas agendam as visitas de acordo com o horário das aulas e a consequência disso é uma rápida visita de, no máximo, uma hora. Dessa forma não há tempo suficiente para se realizar a leitura de um conjunto de 20 obras, por exemplo. Esse fato reforça a ideia de que para a experiência ser completa não é necessário ver todo o conjunto da exposição. É possível selecionar parte das obras e realizar uma atividade a partir delas.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

1. Contextualizando

O espaço expositivo em que aconteceu a experiência então relatada é a Galeria Ana das Carrancas, do Serviço

Social do Comércio – SESC, de Petrolina, Pernambuco, Brasil. A galeria foi fundada em 2009 e desde então recebe exposições de artistas de relevância regional e nacional. O espaço consiste num salão grande e retangular e uma sala avarandada que serve como recepção. Ambas oferecem lugar para uma conversa e a realização de atividades com os visitantes.

A mediação foi realizada na Exposição Pneumática durante os meses de janeiro a março de 2013 pela equipe formada pelos mediadores Delson Lopes, Ana Emidia e Candyce Duarte e pelo instrutor de atividades artísticas do SESC Petrolina André Vitor Brandão.

Pneumática é uma exposição de esculturas infláveis de papel de seda inspirados nos balões que o artista pesquisou no Rio de Janeiro desde os anos 80. As obras exploram a tecnologia, o lúdico e a tradição dos balões e recriam elementos dos contextos culturais dos quais o artista participa, como as pipas e as festas de São João.

As esculturas são obras de Paulo Paes, artista paraense erradicado no Rio de Janeiro. Participou de várias exposições coletivas e individuais e tendo produzido outras obras inspiradas na pesquisa sobre os balões.

O público dessa exposição constituiu-se principalmente de estudantes do ensino fundamental da cidade de Petrolina, mas também de estudantes da educação infantil e ensino médio. Sendo a galeria parte dos serviços que o SESC oferece a seus associados, também recebíamos comerciantes e suas famílias.

2. A mediação na Exposição Pneumática

Mediar está longe de somente dar informações sobre as obras, é como ampliar olhares, permitir contrapontos. Antes da abertura da exposição li muito sobre o Paulo Paes e sobre o trabalho educativo em galerias e museus. Também fiquei tentando pensar em atividades que pudéssemos realizar com as crianças para que o trabalho fosse realmente aquilo que eu acreditava.

Como preparação para a mediação aconteceram reuniões de planejamento, buscando atividades que se adequassem aos grupos recebidos e aos visitantes isolados. Recebemos material educativo utilizado em outras exposições que a galeria havia recebido e algumas informações sobre a exposição e o artista. Tivemos uma conversa com o artista que foi muito salutar para o trabalho porque soubemos de seus estudos sobre balões e papel de seda desde a década de 1980, sua poética e seu trabalho como educador.

Acredito que essas informações e o conhecimento adquirido na Licenciatura em Artes Visuais foram extremamente importantes para minha atuação como educadora nessa exposição, saber como o artista trabalhava fez-me entender como a obra funcionava e ajudou a elaborar minha abordagem aos visitantes.

Sobre atendimento ao público, Iavelberg (2003, p. 75) afirma que é preciso saber trabalhar com públicos diversos nesses espaços quando se pretende atender uma larga faixa da população, incluindo crianças, jovens e adultos. O que pude constatar na prática.

Durante o período de atuação como mediadora, foi possível verificar que os adultos sentiam-se mais à vontade ao olhar as obras com mais autonomia, ou seja, sem a proximidade de um mediador. Depois de observar o conjunto, a maioria dos visitantes recorria ao mediador para tirar dúvidas sobre o artista, fazer questionamentos sobre a obra exposta e falar de suas impressões, era nesse momento que a mediação acontecia com esse público.

Por outro lado, com as turmas de estudantes a visita sempre começava com a fala do mediador com algum questionamento sobre a exposição. Era possível ter uma conversa com as turmas antes de entrarmos no salão, sempre perguntava sobre experiências prévias com exposições e obras de arte.

No salão deixava que primeiro observassem as obras, circulassem entre elas. Enquanto isso, ia conversando com algumas crianças sobre a exposição e aproveitava para conhecer mais sobre a turma. Depois de algum tempo,

convidava a turma a sentar em círculo onde conversávamos sobre o que elas viram.

Percebi que as crianças eram bem expansivas diante das obras, falavam o que pensavam sobre elas, faziam perguntas espontaneamente e sempre queriam tocar os trabalhos. O tato de todos era altamente requisitado pelas esculturas translúcidas e agigantadas, de silhueta sinuosa, mas para as crianças, ainda não conformadas pelo comportamento aceitável socialmente, era mais difícil resistir. Desta forma, precisava ter cuidado redobrado com as crianças para que não tocassem as peças.

As visitas eram previamente agendadas pelas professoras, no entanto, muitas turmas não tinham noção do que estavam fazendo ali ou o teor da exposição. Refleti muito sobre o que diz Lanier (2005, p. 47), que para aproveitar uma experiência estética e aquilo que ela pode oferecer é necessário que a pessoa tenha noção sobre o que está experienciando. Mas também é necessário que os educadores estejam preparados para fazer essa condução e a maioria dos professores que foram à galeria com seus alunos não tinham formação em arte.

Foi possível utilizar materiais com os estudantes como parte da atividade mediativa. Para as turmas de 5º ao 9º ano utilizávamos um jogo de cartas com metade das cartas contendo perguntas e a outra metade as respostas. As cartas podiam ser utilizadas de várias formas: às vezes eu lançava as perguntas e deixava que respondessem livremente; outras pediam que procurassem as cartas com as respostas, ou as usava como um dominó. Esse jogo ultrapassava os aspectos objetivos das obras, contextualizando histórica, cultural e cientificamente os objetos apresentados ali.

Vemos somente aquilo que nossa compreensão permite, além disso, captamos apenas algumas informações visuais numa imagem, aquelas com as quais estamos acostumados. Para ver decodificamos signos de uma cultura e tentamos interpretá-los a partir dos conhecimentos construídos quotidianamente (Lavelberg, 2003, p.76). Desta forma, propunha às turmas que observassem a técnica empregada pelo artista, as figuras que compunham as obras, a forma, a textura, a cor, o volume. Procurava perguntar do

que eles tinham gostado mais e porquê; como poderiam recriar uma daquelas obras, que outro material e dimensão poderiam utilizar; qual das esculturas eles gostariam de ter em casa.

Com as turmas menores utilizávamos papel, giz de cera, canetinhas e lápis de cor para que cada um pudesse fazer um desenho relacionado à exposição. Antes, porém, instigava-os a dizerem o que eram aquelas peças que estavam ali enchendo o salão, como elas tinham sido feitas, com que objetos ou seres eles poderiam associá-las, qual chamava mais a atenção, perguntava sobre as cores e as formas geométricas presentes nas obras.

Impressionantemente a maioria das crianças pequenas sentia-se atraídas pela maior obra, que eles diziam ser “gorda” ou “fofa”, um menino chegou a dizer que queria abraçá-la. Quanto aos adultos, alguns comentaram que experimentavam uma sensação de leveza e flutuação enquanto estavam no salão. Outras disseram que as obras ficariam melhores se expostas ao ar livre. Da mesma forma, adultos e crianças percebiam e interagiam de forma diferente com as esculturas, o que exigiu de mim atuações diferentes e adequadas às possibilidades de cada grupo.

Grande parte dos adultos estava interessada em receber informações e até explicações sobre as obras. Percebi que as pessoas entravam com os folhetos nas mãos, alguns liam, outros nem abriam. Lembrei de uma fala de Barbosa, sobre a opinião de mediadores de um museu nos Estados Unidos, que as pessoas querem apenas um souvenir. Será? Será que a leitura de informações sobre o trabalho exposto é considerada supérflua pela maioria?

O QUE APRENDI COMO EDUCADORA:

Não perco de vista que a experiência à qual me refiro neste texto foi a primeira, sendo assim, tenho consciência de que o trabalho não teve a perfeição desejada, mesmo tendo sido desempenhado com a seriedade exigida pela arte/educação.

A experiência prática é extremamente necessária na formação docente e essa foi a primeira etapa formativa

pela qual passei, tendo participado em mais três exposições como mediadora na mesma cidade. Citando Iavelberg (2003, p. 78), “A identidade do ‘educador de museu’ criador, se constrói, como a do artista, ao longo da vida, para alcançar maturidade e plenitude”.

Tendo participado como mediadora em algumas exposições, participei também de atividades formativas para esse trabalho. Percebo que cada ação elaborou essas atividades de maneira particular, com objetivos e metodologia diferentes.

Na primeira experiência, foram realizadas reuniões para apresentação dos trabalhos a serem expostos, do material educativo (produzido por uma consultoria) e do espaço disponível; tivemos uma tarde com o artista e parte da *equipe* da exposição; por fim, uma reunião para propostas de atividades de mediação a serem utilizadas, entre as quais: jogos, confecção de objetos, produção de desenho.

Para a segunda exposição foi oferecido um mini-curso de oito horas, no qual foram apresentadas a biografia e os trabalhos relevantes de cada um dos artistas com obras na exposição. Além de cansativo, não foi muito construtivo. Para a terceira e quarta exposições, recebi, somente, uma lista de informações sobre os objetos expostos somente.

Algumas destas experiências foram ineficazes para o desenvolvimento do trabalho. Acredito que o problema ultrapasse a carga horária reservada para a formação e atinjam a concepção de mediador que a instituição ofertante propaga.

Devido a insuficiência das atividades formativas, eu, como outros educadores, procuro outras maneiras de ampliar meu conhecimento acerca da área de atuação. Posteriormente, participei de um mini-curso de *Mediação Inclusiva* de oito horas, com Andreza Nóbrega, oferecido pelo SESC, por exemplo. Constato que se faz necessário ter clareza na construção dos programas de formação para mediação, considerando que esta é uma forma de educação em arte também.

Acredito que o trabalho na Galeria Ana das Carrancas contribuiu de forma valiosa para minha formação como arte/educadora. Uma das aprendizagens mais valiosas é a de que um mediador precisa estar preparado todos os dias, tanto em conteúdo, quanto em atividade para conseguir atender turmas variadas. É necessário haver um planejamento do que será realizado, saber conduzir a atividade, mas, ao mesmo tempo, saber escutar, estar atenta ao conhecimento prévio e às necessidades que cada grupo traz.

REFERÊNCIAS: BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, A. M. (2009). *A imagem no ensino da arte: anos 80 e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva.

_____. (Org.) (2005). *Arte-educação: leitura no subsolo*. 6 ed. São Paulo: Cortez.

CANTON, K. (2009). *Do moderno ao contemporâneo*. São Paulo: WMF Martins Fontes. (Col. Temas da arte contemporânea)

FRANGE, L. B. (2008). Arte e seu ensino, uma questão ou várias questões? In: BARBOSA, A. M. (Org). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 5 ed. pp. 35-47. São Paulo: Cortez.

IABELBERG, R. (2003). *Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores*. Porto Alegre: Artmed.

LANIER, V. (2005) Devolvendo arte à arte-educação. In: Barbosa, A. M. (Org). *Arte-educação: leitura no subsolo*. 6 ed. pp. 43-55. São Paulo: Cortez.

LEITE, M. I. (2004). Museu de arte: espaço de educação e cultura. In: OSTETTO, L. E., LEITE, M. I. (Orgs.). *Arte, infância e formação de professores: autoria e transgressão*. Campinas: Papyrus. [mimeo].

MARTINS, M. C. (2008). Conceitos e terminologia. Aquecendo uma transformação: atitudes e valores no ensino de arte. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). *Inquietações e mudanças no ensino de arte*. 4. ed. p. 49-60. São Paulo: Cortez.

NÓBREGA, A. (2012). Mediação inclusiva: a áudio-descrição abre as cortinas do teatro para a pessoa com deficiência visual [CD-Rom]. In: *Arte/Educação: corpos em trânsito: anais do XXII Congresso Nacional da Federação de Arte-Educadores do Brasil*. São Paulo: UNESP – Instituto de Artes. 29 Out.-02 Nov. 2012.

OTT, R. W. (2005). Ensinando crítica nos museus. In: Barbosa, A. M. (Org.). *Arte-educação: leitura no subsolo*. 6 ed. pp. 113-141. São Paulo: Cortez.

PILLAR, A. D. (2008). A educação do olhar no ensino da arte. In: BARBOSA, A. M. (Org). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 5 ed. pp. 71-82. São Paulo: Cortez.

RANCIÈRE, J. (2002). *O mestre ignorante*: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica.

RIZZI, M. C. do S. (2008). Caminhos metodológicos. In: Barbosa, A. M. (Org). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 5 ed. pp. 63-70. São Paulo: Cortez.